

## Ficção tem limites, Sr. Saramago \*

Antônio William Fontoura Chaves

“Um Deus que nós compreendêssemos deixaria de ser Deus, porque caberia no cercado de nosso quintalzinho cerebral: seria do tamanho do círculo de nossa inteligência.

Se Deus fosse um ser que não ultrapassasse o Q.I. humano, seria simplesmente um homem a mais. É próprio de Deus ser inatingível a todo limite, a tudo que é mensurável. Portanto é próprio de Deus ser inabordável a todo conhecimento que não seja Ele mesmo.” (João Mohana, in: *Plenitude Humana*).

O gênero literário, conhecido por ficção e, sem dúvida, uma espécie de fantascópio do mais longo e largo alcance, de que sempre se valeram os mestres da prosa e do verso, ao longo de todos os tempos. Triste, insuportavelmente triste, a literatura de um povo cujos autores não fossem capazes de acorrentar o público leitor à magia e à sedução desse que sempre foi o mais encantador dos mundos – o mundo estonteante do faz-de-conta. Talvez por isso Anatole France, ao escrever o Lírio Vermelho, se tenha dado pressa a oracular.

**Sem se iludir, a humanidade pereceria de desespero e de tédio.**

Nada mais compreensível. Afinal de contas só os definitivamente mortos já não se iludem mais, exatamente porque perderam a capacidade de sonhar, desimportando a circunstância de estarem ou não debaixo da terra. Somente os que ainda não substituíram os sonhos pelos lamentos são capazes de iluminar a alma e o coração a seus leitores através da fantasia criadora, do fabulário encantador, da criação imaginária, da simulação inocente dessa que é, sem sombra de dúvida, a prestidigitacao da realidade do irreal.

---

\* *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jan., 2000. Idéias/Livros, p.5

Estas considerações não se devem perfigurar inexpertas. Muito ao reverso, vêm a talho para forrar à necessária análise a carnadura de duas modalidades de ficção que ontológica e metodologicamente se extremam: uma funciona à feição de veio explosivo que escachoa em borbotões, transformando o ficcionista no mais categorizado mago da nobre arte de fingir, de inventar, de simular, de encantar, de divertir e entressonhar.

A outra nem ficção é, por isso que não passa de simulacro da primeira, só se assemelhando mesmo a um esguicho de cloaca de águas ludras, porque outra coisa não intenta nem busca senão macular, contaminar, denegrir a imagem, decompor a respeitabilidade, em suma, a honra objetiva ou reputação, que é um direito subjetivo absoluto a que todos, sem exceção, temos o dever - jurídico de respeitar e não malferir. À evidência que esta não é a ficção propriamente dita, mas o espectro da ficção, a licenciosidade, em suma, dereísmo, sem sombra de dúvida, sempre e sempre usitado como tática de escolha de escritores a cujo pelame vão espalhando seus pontos de vista, sua ideologia, sua crença aventurosa.

Alinha-se nesta craveira, afina-se neste diapasão, o assim cognominado. *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, escrito pelo senhor José Saramago, autor lusônio, que, em virtude desse texto pático, fora esgarçado de Portugal para a Espanha, não sendo muito que se diga que, em sua terra, todos os exemplares do famigerado *Evangelho*, foram queimados em praça pública por determinação de uma prefeita logarenha, conforme noticiado em jornais.

O Sr. José Saramago, mais conhecido dentro e fora de Portugal em razão de seu ateísmo confesso e de sua pregação inteiramente voltada para o Sol de Moscóvia, valeu-se de distorcida ficção para macular o nome e a imagem de Cristo Jesus, de Nossa Senhora e de São José, colocando-os em rota de colisão com o texto revelado pelos hagiógrafos inspirados: São Lucas, São João. São Mateus e São Marcos, já à roda do terceiro milênio.

Ateísmo e comunismo: exonero-me de aprofundar o desdobramento da controversa díade, seja em sede filosófica, seja sob a angulação político-social. Abalanço-me, apenas, a recordar que o ateu ou incréu, valendo-se exclusivamente do limitado alcance de

sua inteligência, não se peja de assoalhar que não acredita em Deus, porque, segundo apregoa, nunca o viu com os próprios olhos e nunca o tocou com as próprias mãos.

Deveras bisonho esse tipo de raciocínio só superável mesmo pela ausência daquela acuidade mental tão manifesta nos Aristarcos membrudos que se intitulam de livres-pensadores de libré. Sem embargo de serem tão anchos de si, ainda não atinaram até hoje para esta diferença existencial: **fé não se confunde com o sentido da visão. Fé não é corolário de nossa representação sensorial. Fé não é arremate de nossa percepção intelectual, por mais laboriosa que possa ser. Fé não é um fenômeno racional. Fé não é uma evidência. Fé não é uma teoria. Em suma: fé é uma experiência existencial.**

Mesmo assim, se os ateus, por coerência se valessem da filosofia, e através dela, dessem rápido mergulho na "Teoria do Conhecimento", logo e logo se convenceriam de que nada existe no nosso intelecto que não tenha passado pela porta traicoeira de um dos cinco sentidos (*nihil est in intellectu quin prius non fuerit in sensu*). Não fora assim, a própria ciência do direito e a temperança pretoriana dos Colégios Judiciários dos países civilizados jamais teriam enfocado a conhecidíssima *praesumptio hominis*.

Para alguém acreditar em Deus é inconcesso o empenho ou auxílio exclusivo dos olhos do corpo. É frustra toda e qualquer tentativa de tocá-lo com os dedos das mãos. Acredita-se em Deus, porque Ele se revelou, pessoalmente, ao povo hebreu, no Antigo Testamento, e no Novo, através de Seu Filho Unigênito, que inaugurou a nossa história, pois é a partir d'Ele que se contam os milênios, até a consumação dos séculos.

Nessa conformidade, acredita-se em Deus uno e trino não por força de uma evidência, mas por um ato de adesão, de assentimento à palavra de Deus que não se engana e nem pode enganar-nos. (*Nec falli nec fallere protest.*)

De qualquer forma, **o Sr. José Saramago, na condição de ateu, só acredita mesmo no que está ao alcance dos traiçoeiros sentidos da visão e do tato.** Na qualidade de ideólogo, se mostra coerente em adotar a mesma crença, tanto desvaliosa quanto perdiciosa: **até hoje não conseguiu explicar que o comunis-**

**mo que professa e apregoa, durou apenas 70 anos, enquanto o cristianismo que insulta e denigre, aviltando-o com blasfêmias e heresias e mentiras, continua inteiriço, infrangível, vitoriado, à ombreira do terceiro milênio.**

Tamanha sua ceguidade que, sequer, até hoje, é incapaz de explicar a derrocada do comunismo no mundo inteiro. Muito menos, atinou que a foice e o martelo, outrora, brasonados nos pavilhões da carrancuda "Place Rouge" despencaram de vez.

Pena que ainda não se convenceu, com seus "olhos infalíveis" de que acabou ali para sempre o "Túmulo de Lenin (*est fini Le Tombe de Lenin*)", escancarando-se, de par em par, os frontões da Rússia com a Perestróika e com a Glasnot, para a liberdade e para a democracia.

**Somente mesmo quem confunde ficção com dereísmo é capaz de agredir os cristãos do mundo inteiro**, naquilo que todos temos de mais sagrado: a pessoa de Jesus Cristo, a Segunda da Santíssima Trindade, que se encarnou no ventre da Virgem Maria, e com o próprio sangue, reabilitou, pregado na cruz infamante, a raça humana, decaída no berço das gerações.

**Contrariando as Sagradas Escrituras, seja no Velho ou no Novo Testamento, só mesmo um ateu comunista teria o desplante de escrever uma obra dessas, e dar-lhe o nome de "Evangelho Segundo Jesus Cristo", que, na verdade nunca foi evangelho, e muito menos, de Jesus Cristo.**

Aligeirado confronto entre o estilo literário ficcionista do Sr. Saramago e a simplicidade do texto sagrado, é indispensável para extremar a mentira, da verdade:

1- Para o Sr. Saramago, Jesus era um pecador inveterado, de vida dissoluta, vivendo em franco concubinato com Maria Madalena, não passando de simples filho do carpinteiro José e de Maria. Descreve a Jesus, não raro, como se fora um imbecil, um mentiroso, um vagabundo.

2- Com parelha audácia, declara que São José era um mau-caráter, um criminoso, mais vil e cruel que o sanguinário Herodes, de sorte que por causa dos crimes que teria praticado, teria sido justicado com a morte de cruz, à feição de um bandido perigoso.

3- Descreve a Maria, mãe de Jesus, à laia de mulher devoluta, parideira, muito vulgar, e que teria gerado uma ranchada de filhos, inclusive duas meninas, tão avezada que era em insaciáveis coitos com São José, chegando a narrar-lhes o orgasmo, em que dá ressaltado novelesco aos espasmos genésicos e os paroxismos agônicos de São José, de permeio aos gemidos cavos de Maria Santíssima.

Adrede concebido, o seu insultuoso “Evangelho” esparrinha o descrédito no cristianismo. O Sr. José Saramago lança mão de um dos, senão o mais lindo gênero literário, para frontear a palavra de Deus revelada na Bíblia, na tentativa de pôr em xeque e em choque a missão de Cristo na terra, cuja presença histórica está vinculada a personalidades contemporâneas, a monumentos, cidades, ao Sinédrio, à dominação romana sobre Israel, a Pilatos, Anás, Caifás, Herodes o Grande, ao centurião romano que, após cravar-lhe a lança ao peito, o proclamou a todos o Filho de Deus.

Desonesta, incontendivelmente desonesta, a postura de quantos, sob o pelame da ficção, saem, por aí além, a desacreditar, a decompor a honra e a imagem de quem quer seja, quanto mais não o fosse a honra e a imagem do Verbo Encarnado no ventre da Virgem Maria, escolhida por Deus-Pai, *ante omnia saecula*, para gerá-lo: corpo de seu corpo e sangue de seu sangue, de sorte que a ela, somente a ela, Deus-Pai a preservou da mácula original.

A ela, somente a ela, fê-la Deus mais pura, mais santa que todas as mulheres. Concebeu-a imaculada na sua conceição, no que se inspirou o poeta a dizer:

**Deus, se quisesse, oh! sim, não poderia, ter outra mãe, mais pura que Maria.**

No “evangelho” do Sr. Saramago, São José não é o pai adotivo de Jesus, mas o pai biológico que o teria gerado em Nossa Senhora. São José não é o casto esposo de Maria, o único filho de mulher a quem as Escrituras Sagradas chamam de “o justo”, consagrado a Deus pelo voto de castidade, não só por predeterminação divina, mas ainda porque era esse um costume judaico, notadamente, após a existência dos essênios. Tanto isso é verdadeiro que o Arcanjo Gabriel se curva diante de Nossa Senhora,

anunciando-lhe a gravidez miraculosa, ao mesmo tempo que recebe igualmente de Deus-Pai a missão de, em virtude disso, tranquilizar a São José, dizendo-lhe:

**Filho de Davi, não temas receber Maria por tua consorte, pois o que foi concebido é obra do Espírito Santo. (Mateus I, 20-21)**

Sabia São José da virgindade de sua prometida esposa, mas não a levou aos tribunais, a despeito das recomendações dos textos do Deuteronômio e do Levítico. Tampouco lhe dá a ela o libelo de repúdio, recomendado pela lei mosaica.

Em suma: Nossa Senhora é mãe de Deus-Filho. São José fora apenas o *longa manus* do Pai Eterno na educação humana de Jesus.

**Só resta escolher entre o Sr. Saramago, que se serve da ficção para propagar sua descrença e idéias, ou em Jesus Cristo que se declarou Deus, inclusive, por 3 vezes, ao demônio que o tentara, quando jejuava 40 dias e 40 noites, no deserto:**

a) “Não é só de pão que vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”;

b) “Também está escrito: não tentarás ao Senhor teu Deus”;

c) “Vai-te Santanás, porque está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e a Ele só servirás.” (Mateus. 4, 1-11)

Esse é o Jesus, “Deus de Deus, gerado, não criado, consubstancial ao Pai”. Esse não é o Jesus marginal, do “evangelho” do Sr. Saramago, sintomaticamente laureado pela Academia Sueca, com o Prêmio Nobel de Literatura, através do qual fora erigido a foros de maior escritor da língua portuguesa.

Coisa certa é: derruíram-se todos os tronos. Rolaram todos os cetros. Todos se foram tão depressa! Continuam cheios todos os túmulos! Só o de Cristo, soberano dos soberanos, e o de Nossa Senhora permanecem vazios.